

AVERRÓIS E A RELIGIÃO DO FILÓSOFO

AVERROES AND THE RELIGION OF THE PHILOSOPHER

Paulo César de Oliveira¹

RESUMO:

O primeiro efeito da introdução do aristotelismo na escolástica cristã foi a clara delimitação dos campos da razão e da fé. A razão é o campo de domínio das verdades demonstradas; a fé é o domínio das verdades reveladas. Averróis considerava que o aristotelismo continha tudo o que um filósofo deveria crer, que coincide com o que se pode demonstrar. Em outras palavras: a verdadeira religião do filósofo é a própria filosofia. Isto é, a religião revelada não é senão um modo imperfeito de aproximação das mesmas verdades para quem não é capaz de se utilizar do caminho da ciência e da demonstração. Há um pensamento comum de que Averróis defendera a dupla verdade: uma religiosa e outra filosófica. Este foi o caminho trilhado pelos averroístas, mas não por Averróis. Para ele, a verdade é uma só. Ele nunca defendeu a dupla verdade, porque considerava que a razão atingiria um conhecimento necessário. Quando ocorre um conflito entre ciência e religião (ou entre razão e fé), ele propõe revisar os procedimentos racionais para descobrir o erro e defender o direito do filósofo de continuar a investigação, mesmo que as conclusões possam ser contrárias aos ensinamentos da fé.

Palavras-Chave: Averróis. Razão. Fé.

ABSTRACT:

The first effect of the introduction of Aristotelism in the Christian scholasticism was the clear delimitation of the fields of reason and faith. The reason is the domain field of demonstrated truths; faith is the domain of revealed truths. Averroes considered the aristotelism contained everything that a philosopher should believe, that matches what can be shown. In other words, the true philosopher of religion is the very philosophy. That is, the revealed religion is but an imperfect way of approaching the same truths to those who are not able to use the path of science and demonstration. There is a common belief that Averroes defended the double truth: one religious and the other philosophical. This was the path taken by Averroists, but not by Averroes. For him, the truth is one. He never defended the double truth, because he considered that the reason reach a necessary knowledge. When there is a conflict between science and religion (or between reason and faith), it proposes reviewing the rational procedures to discover the error and defend the right of the philosopher to continue the investigation, even though the findings may be contrary to the teachings of the faith.

Keywords: Averroes. Reason. Faith.

A primeira difusão do aristotelismo no ocidente está relacionada ao nome de Avicena (980-1037); a segunda ao de Averróis (1126-1198). Árabe nascido em Córdoba, na Espanha, depois de ter estudado matemática e filosofia, Averróis estendeu os próprios comentários aos escritos de Aristóteles. Foi condenado por heresia em razão da polêmica contra os teólogos do Islã, apresentada na obra "Destrução da destruição da Filosofia". Ele pretende delimitar os campos do saber e da fé islâmica. Nesse sentido, a razão o leva a afirmar, com Aristóteles, a eternidade do mundo, negando a imortalidade da alma individual. Justamente, porque construída sobre estas bases, o caminho percorrido por Averróis se transformou em uma fonte

¹ Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia da Universidade Federal de Alfenas-MG.

de preocupação para as autoridades religiosas e em grandes debates entre os mestres parisienses.

O caminho percorrido por Averróis foi o de conciliar fé e razão, atribuindo à filosofia a missão de interpretar e desenvolver a verdade revelada no Alcorão. O pressuposto desta tentativa é que a investigação racional é a continuação coerente, lógica e histórica da doutrina presente no alcorão. Em razão disso, o ensinamento religioso deve aprofundar e desenvolver esta investigação de tal forma que a torne supérflua. A perspectiva de tal caminho é aquela destinada a conservar somente um valor prático e ético junto às multidões incultas. Em relação às elites intelectuais, administradas pela filosofia e pela ciência, a perspectiva é outra.

Averróis considera que a religião possui uma função política; isto é, serve para afirmar os princípios de uma ética necessária à convivência civil. As pessoas comuns, isto é, os movidos de paixões destrutivas, incapazes de compreender e administrar tais paixões, podem aceitar os princípios desta convivência pacífica somente na perspectiva dos prêmios e dos castigos divinos; os intelectuais dominam tais paixões e podem aderir livremente a estes princípios. Contra o teólogo do Islã, Algazali (1050-1111), que reivindicara a superioridade do espírito religioso islâmico sobre as demais expressões de fé e sobre a ciência, Averróis sustenta o primado da razão sobre todo tipo de fé².

O impacto da filosofia de Averróis e de sua interpretação de Aristóteles foi revolucionário, uma vez subordinou a fé à razão e a vida contemplativa àquela ativa. Nesse sentido, a tradução latina da obra de Averróis, ocorrida em torno de 1230, influenciou, não somente as pessoas individualmente, mas adquiriu forma de verdadeiro pensamento, constituindo o que posteriormente foi denominado de "averroísmo latino", também chamado de "aristotelismo integral".

1. O primado da razão

Nascido em Córdoba, em 1126, Averróis recebeu uma formação completa: estudou teologia, direito, medicina, matemática, astronomia e filosofia. Foi nomeado médico da corte e juiz de Córdoba. Perdeu tais cargos por causa de suas teorias filosóficas que atraíram sobre ele a fúria dos teólogos mulçumanos, embora ele permanecesse fiel à observância externa do Alcorão.

² Cf. BADAWI, Abdurrahmã. *La transmission de la philosophie grecque au monde arabe*. Paris: J. Vrin, 1968, p. 84-97.

Desde a juventude, se dedicava a estudar e comentar as obras de Aristóteles. Seus comentários à *Metafísica* de Aristóteles, escritos em árabe, foram traduzidos para o latim e usados pela Escolástica. Um obra que merece destaque é a *Destruição da Destruição*. Esta obra é uma réplica às críticas que o teólogo muçulmano Al-Ghazali moveu contra a filosofia e aos filósofos³.

O teólogo Al-Ghazali (1050-1111) justificou o primado absoluto da fé mediante uma concepção voluntarista e mística da divindade. No mundo não existem causas estáveis e necessárias, não existe propriamente uma ordem; tudo é contingente uma vez que procede de Deus que não é concebido como um tirano, mas como um bom príncipe que governa segundo leis justas e estáveis impostas por ele mesmo⁴.

Para Averróis, o mundo é uma espécie de escritura divina: a filosofia e a ciência nos ajudam a compreender o seu significado mais profundo. Na grande construção do mundo, o que se deve reconhecer é a "engenharia divina", isto é, a realização de um benéfico projeto racional.

O caminho de Averróis é aquele de uma premissa conceitual necessária para justificar a redução da ciência das coisas sobrenaturais àquela das coisas naturais, a redução da teologia e da própria metafísica à física. O horizonte no qual se move Averróis é o da exaltação daquilo que é natural.

Averróis está convencido de que a verdadeira filosofia é a de Aristóteles. Em razão desse convencimento, apresenta o pensamento do Estagirita de maneira independente da teologia e da religião. A filosofia de Aristóteles é a sede privilegiada da verdade; coincide com a própria verdade. Essa exaltação de Aristóteles é tamanha que ele chega a dizer que o estagirita foi criado e nos foi dado pela providência divina.

Segundo Averróis, as divergências entre os filósofos e teólogos se devem mais às diferenças de interpretações do que efetivamente a diversidade de princípios essenciais. Nas questões em que há divergências entre teólogos e filósofos, deve-se optar pelo posicionamento destes, uma vez que se utilizam exclusivamente da razão para afirmar os seus princípios.

³ HERNÁNDEZ, Miguel Cruz. *História de la filosofía española: filosofía hispano-musulmana*. Madrid: Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, 1957, p. 57- 78

⁴ MANCINI, Giorgio, MARZOCCHI, Stefano, PICINALI, Giambattista. *Corso di Filosofia*. Milano: Bompiani, 1996, p. 301-302.

Na verdade, não se deveria haver divergência entre filosofia e religião, uma vez que ambas buscam e ensinam a verdade. Em caso de conflito, deve-se utilizar-se da interpretação. Isto é, é preciso interpretar racionalmente o texto religioso. A verdade é única. É a verdade da razão. As verdades religiosas, presentes no Alcorão, são símbolos imperfeitos que precisam ser interpretados de tal forma que os mais simples e ignorantes tenham acesso à verdade única que a filosofia sistematizou e apresentou ao mundo através de Aristóteles⁵.

Um exemplo da grandeza de Aristóteles, apresentada por Averróis, é a tese da eternidade do mundo. O primeiro motor e os demais motores se movem necessariamente, não como causas eficientes, mas como causas finais. A relação entre uns e outros é de finalidade. Este primeiro motor é eterno porque garante a unidade de todo o universo. Em outras palavras, a física aristotélica se transforma em dogma.

Seguindo o caminho trilhado por Aristóteles, Averróis sustenta a tese de que o mundo é eterno; isto é, não teve origem, nem por criação, como querem os teólogos, nem por emanção, como dizia Avicena. Esse caminho, no entanto, não impede que o mundo seja estruturado hierarquicamente. A hierarquia se deve ao fato de que o motor de cada esfera deseja se unir não somente à inteligência particular, que governa a sua esfera, mas também, à Inteligência Suprema. Isto é, a Deus, causa do mundo⁶.

2. A tese da unicidade do intelecto humano

Averróis afirma o primado da filosofia, a eternidade do mundo e a unicidade do intelecto humano. Ele nega a imortalidade individual, mas defende a imortalidade do intelecto. É pelo intelecto que conhecemos e formulamos noções e princípios universais; em razão disso, o intelecto não pode ser individual. Aristóteles diz que o intelecto é separado, simples e inalterável. Se o intelecto fosse individual, seria individualizado pela matéria e seria incapaz de alcançar o universal e, portanto, o saber. Em razão disso, o intelecto é único para toda a humanidade⁷.

⁵ ATTIE FILHO, Miguel. *Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 48.

⁶ BENMKHLOUF, Ali. *Averróis*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

⁷ AVERRÓIS, *Discurso Decisivo sobre a Harmonia entre a Religião e a Filosofia* (trad. Port. de Catarina Belo), Lisboa, 2007, p.58-65

Diante dessas premissas surge a questão inevitável: se o intelecto é único para toda a humanidade, como o homem individual conhece? A resposta aristotélica é que o intelecto conhece porque passa da potência ao ato. Essa passagem é possível graças ao intelecto *ativo* ou inteligência divina. O intelecto *ativo* ou agente não atua diretamente sobre o intelecto *possível*, mas sobre a fantasia ou imaginação que, sendo sensível, contém os universais apenas em forma potencial. É a imaginação sensível, sobre a qual atua o intelecto divino, que dá a sensação de que o conhecimento seja individual.

O ato de entender é do homem individual graças à fantasia ou imaginação sensível; no entanto, é também supra-individual, uma vez que o universal em ato não pode ser contido pelo indivíduo em particular.

Averróis, dessa forma, pretende salvar o saber que não perece com o indivíduo uma vez que é patrimônio de toda a humanidade. Em outras palavras, o intelecto *possível* é o arquivo onde os conhecimentos da humanidade se conservam. Esse intelecto é superior à capacidade do indivíduo e lhe é independente.

3. O caminho dos averroístas

Se Palermo é o centro a partir do qual a filosofia de Averróis se difundiu, Paris é aquele em que ela produz os seus primeiros frutos. Os mestres da Faculdade de Artes da Universidade de Paris, leigos e não clérigos, aderiram rapidamente ao pensamento de Averróis criticando tanto os teólogos declarados, quanto os filósofos "teologizantes", como Avicena. Nesse caminho, o que triunfa é sempre a física aristotélica, sinônimo da filosofia.

A filosofia é colocada, de tal forma, tão longe da teologia por Averróis que os averroístas nela percebem um perigo menor. O caminho percorrido por Averróis, de reduzir a filosofia à física, trouxe consigo um paradoxo. Para os averroístas, a física coincide com o modo rigoroso com o qual Aristóteles tratou as coisas naturais. A autoridade de Aristóteles nesse campo é absoluta e inquestionável. Chega-se ao ponto de Averróis dizer que ele foi enviado pela providência divina para iluminar as mentes dos homens.

Os averroístas afirmam que a autoridade de Aristóteles é possível somente porque é reconhecível a sua competência em relação às coisas concretamente experimentáveis e porque é reconhecível a sua perícia de investigador no campo das coisas naturais. Neste sentido,

alguns fundadores da ciência moderna poderiam dizer-se aristotélicos nas suas teorias físicas ou naturalísticas, mesmo se distanciando dele.

Os averroístas aceitam, com Aristóteles, a concepção de Deus como motor imóvel que move eternamente um mundo eternamente existente não feito nem conhecido por ele. Esta tese da eternidade do mundo choca com as concepções cristãs. Postulam que a alma individual do homem é perecível e corruptível; isto é, não é imortal. Finalmente, os averroístas defendem a teoria da dupla verdade: a teológica ou da fé e a filosófica ou da razão. Portanto, é verdade, de acordo com a fé, que a alma é imortal e o mundo é criado; mas também é verdade, de acordo com a razão, que a alma é corruptível e o mundo é eterno. Daqui se retirou, nos séculos XVIII e XIX, a defesa de uma total autonomia da razão perante a fé, que se opõe à tese agostiniana de que a verdade é única.

Os principais expoentes do averroísmo latino são Siger de Brabante (1240-1284) e Boécio de Dácia. O objetivo principal deles é reivindicar a total independência da filosofia em relação à teologia. Isto é, a filosofia não pode estar a serviço da teologia. O fundamento dessa posição é, sem dúvida, Averróis que buscou limitar a influência da teologia islâmica sobre a filosofia e Avicena que buscou salvar a filosofia pagã, combatendo a teologia cristã.

O programa dos averroístas é, sem dúvida, a afirmação de uma dupla verdade: uma na qual se pode reconhecer uma dignidade maior somente pela pretensão de que seja uma revelação divina a confirmá-la e outra representada pela filosofia, à qual se deve reconhecer um valor instrumental porque investiga coisas naturais. Uma utiliza o caminho da fé; a outra o da razão. Uma é a do teólogo, outra a do filósofo. A distância que separa fé e razão, teologia e filosofia, é apresentada por Boécio de Dácia. Ele diz que é estúpido pedir demonstração de coisas como as da fé. Quem pede tais demonstrações busca o que não se pode encontrar.

A lógica de Boécio, como a de todos os averroístas, é pragmática: é melhor evitar os perigos quando se trata de questões de fé. Para os averroístas, não é correta a posição dos teólogos que buscam afirmar as instâncias da razão; mais correta é a posição dos místicos que são puros sentimentalistas ao afirmarem que a fé e não a razão constitui a prova das verdades reveladas.

Um dos grandes méritos do averroísmo é o ter buscado uma definição autônoma do método da ciência. isto é, uma definição dos instrumentos e das finalidades da filosofia, bem distinta dos instrumentos e finalidades da teologia. Quando os averroístas argumentam em torno da filosofia ou da ciência não pretendem ir contra a teologia e a religião. Eles buscam

falar sobre algo de diverso. A verdadeira finalidade dos averroísta é a simples valorização da filosofia, uma vez que sempre, desde a Idade Média, a deixavam em segundo plano⁸.

Para os averroístas, não existe nada de mais nobre do que ocupar-se de filosofia: sábios são somente os filósofos. Isso se verifica bem claro no título da obra mais importante de Boécio di Dácia: *De summo bono sive de vita philosophica*. Essa obra revela o conceito central do averroísmo latino, isto é, o sumo bem e a vida do filósofo se identificam. O ideal que tal direção se propõe é aquele de uma sabedoria toda humana, toda terrena.

Com a afirmação do averroísmo, o medievo alcançou definitivamente a decadência: a relação entre fé e razão, que entre as muitas polêmicas representou o mais importante problema, perdeu a relevância; isto é, deixou de ser um problema filosófico. A partir de agora passa-se a compreender que a fé e a razão podem gozar de uma recíproca autonomia. Depois do averroísmo, esta possibilidade deverá ser sempre considerada.

Considerações Finais

Mesmo combatido no século XIII, o averroísmo ganhou terreno e seguidores ao longo do século XIV. A partir daí se formou no Ocidente uma tradição que via em Averróis o grande ímpio; alguém que havia blasfemado contra todas as religiões e demolido as últimas bases da fé.

Na verdade, o pensamento de Averróis é complexo: há, de uma parte, a interpretação rigorosa de Aristóteles que nega a criação do mundo, a providência divina e a imortalidade da alma individual. De outra parte, há ensinamentos explícitos sobre as relações entre a fé e a razão, que se aproximam muito de Santo Tomás.

O desejo de Averróis é conciliar sua fé de mulçumano devoto com a filosofia aristotélica. Esta conciliação é possível, segundo ele, usando o método alegórico. Tal caminho não parecer resolver todas as contradições e dificuldades que esta tentativa de conciliação acarreta.

O que fica claro é que Averróis não é o criador da teoria da dupla verdade (uma para a filosofia e outra para a teologia), fato que lhe é comumente atribuído. Ele não ensina que possam existir duas verdades contraditórias, mas dois modos diversos de exprimir a mesma

⁸ Cf. GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 854-561.

verdade. A teoria da dupla verdade foi inferida pelos seus discípulos, os quais, nesse aspecto, seguiram por um caminho diverso ao mestre.

A força e o prestígio de Averróis se verificam nos comentários a Aristóteles, fato que exerceu grande influência durante a alta escolástica e a renascença. A partir dele, iniciou-se um movimento filosófico denominado averroísmo latino. Este movimento levou até às últimas consequências a distinção de Averróis entre filosofia e religião, transformando-a na teoria da dupla verdade.

Foi graças aos comentários de Averróis e Avicena que os pensadores latinos entraram, no século XIII, em contato com o pensamento de Aristóteles. Como a metafísica aristotélica possibilitou uma interpretação da fé islâmica, os latinos perceberam a possibilidade de dar uma estruturação diferente á fé cristã utilizando-se, não mais categorias platônicas, mas, agora, aristotélicas. Este seria o caminho que percorreriam Alberto Magno e Tomás de Aquino.

Referências Bibliográficas

ATTIE FILHO, Miguel. *Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

AVERRÓIS, *Discurso Decisivo sobre a Harmonia entre a Religião e a Filosofia* (trad. Port. de Catarina Belo), Lisboa, 2007

BADAWI, A. *La trasmission de la philosophie grecque au monde arabe*. Paris, 1968.

BADAWI, Abdurrahmā. *La transmission de la philosophie grecque au monde arabe*. Paris: J. Vrin, 1968.

_____. *Histoire de la philosophie en Islam*. Paris: J. Vrin, 1963.

BENMKHLOUF, Ali. *Averróis*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HERNÁNDEZ, Miguel Cruz. *História de la filosofía española: filosofía hispano-musulmana*. Madrid: Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, 1957.

MANCINI, Giorgio, MARZOCCHI, Stefano, PICINALI, Giambattista. *Corso di Filosofia*. Milano: Bompiani, 1996.